

Rhodes espera acordo para a próxima semana

ANTONIO CARLOS SEIDL

De Londres

“De uma maneira geral, as negociações com o Brasil estão fazendo progressos e esperamos ter as linhas gerais de um acordo de médio prazo até o fim da semana que vem”, disse ontem à Folha em Londres o presidente do Comitê de Assessoramento da Dívida do Brasil, William Rhodes. “Não posso adiantar números, porque ainda estamos negociando os compromissos de várias fontes”, acrescentou.

Rhodes negou que os bancos britânicos e europeus estejam colocando obstáculos às negociações e afirmou que, quando o pacote estiver pronto, depois da conclusão das negociações entre o Comitê e o Brasil, o apoio deverá ser geral, porque “os bancos em todo mundo têm muita confiança no Brasil, no seu potencial e no rumo que está tomando”.

Rhodes disse ainda que as negociações evoluíram substancialmente depois que o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, confirmou que o país está preparado para negociar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Falando na conferência “Latin America; Towards Renewed Growth”, co-patro-

cinada pelo jornal Internacional Herald Tribune e Banco Interamericano de Desenvolvimento, encerrada ontem em Londres, Rhodes disse que o fim da moratória brasileira deve ser considerado um marco importante na crise da dívida latino-americana. “O desejo declarado da nova administração econômica do Brasil de recuperar a capacidade do país de obter créditos é um passo extremamente positivo no processo de negociação”.

Rhodes disse que o Brasil pagou, nas últimas seis semanas, cerca de US\$ 1,9 bilhão em juros atrasados,

dos quais US\$ 900 milhões vieram diretamente das suas reservas. Depois de elogiar o desejo do Brasil de reestabelecer as boas relações que sempre manteve com seus credores, Rhodes disse que a moratória custou cerca de US\$ 1,5 bilhão ao Brasil, contando fatores tais como reduções da taxa de risco, o cancelamento de algumas linhas de crédito de curto prazo e custo mais alto das que permaneceram, a perda de novos fundos dos bancos multilaterais de desenvolvimento e agências de créditos de exportação.

Rhodes exortou os governos dos

países desenvolvidos e ajudaram os países em desenvolvimento através de apoio ao pedido do Banco Mundial para um aumento de capital. Ele criticou o desentendimento atual entre os acionistas do Banco Interamericano de Desenvolvimento sobre o papel futuro da instituição.

O FMI, na sua opinião, deveria agir mais rápido para estabelecer o mecanismo de contingência proposto pela Iniciativa Baker em setembro passado. Este mecanismo ajudaria os países endividados a fazer frente a aumentos das taxas de juros e queda das receitas de exportações. Os países em desenvolvimento, disse, poderiam tomar medidas adicionais para tornarem suas economias mais abertas, mais eficientes e dinâmicas, seguindo o exemplo dos países em desenvolvimento que evitaram a crise da dívida, principalmente alguns países da Ásia.

Finalizando sua palestra, Rhodes disse que a chave para a solução da crise da dívida é reciprocidade: “Com os governos de ambos os países, devedores e credores, os bancos comerciais e as agências multilaterais reconhecendo que, somente seguindo nossos interesses mútuos, nossos interesses separados serão atendidos”.